

RESENHA

PALÁCIOS, Manuel. O programa forte da sociologia do conhecimento e o princípio da causalidade. *In*: PORTOCARRERO, V. (org.). **Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. p. 175-198. [online]. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rnn6q/pdf/portocarrero-9788575414095-09.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2021.

Michele Cristina dos Santos

¹Bibliotecária-Documentalista/Ciência da Informação/Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia/Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (UFSCar)
Instituto Federal de São Paulo–IFSP Capivari, SP, Brasil

michele.santos@ifsp.edu.br

Resenha apresentada como parte das atividades da disciplina Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, ministrada pelo Prof. Dr. Bruno Rossi Lorenzi, do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos o qual a discente cursou como aluna especial.

Este ensaio foi publicado pela editora Fiocruz e, atualmente, está disponibilizado digitalmente na biblioteca científica e eletrônica Scielo Livros. Ele faz parte do primeiro volume da coletânea “Filosofia, história e sociologia das ciências: abordagens contemporâneas”, organizado por Vera Portocarrero, que teve sua primeira edição publicada em 1991 e reimpressões nos anos de 1998 e 2002 (FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz, 2021).

O ensaio se divide em quatro sessões, sendo que, a primeira apresenta características do Programa Forte e suas principais influências sociológicas, enquanto que na segunda parte, são expostas opiniões críticas a aplicação dos métodos da sociologia do conhecimento à análise da ciência. Na terceira seção são analisadas as teorias dos jogos de linguagem desenvolvidas pelos sociólogos da Escola de Edimburgo e, por fim, na quarta parte, o autor apresenta propostas teóricas que evidenciam a associação entre interesses sociais e processos de formação de crenças e produção de conhecimento.

Na primeira seção, que é homônima a este ensaio, Palácios inicia traçando um histórico sobre os estudos relacionados à sociologia da ciência. De acordo com o autor, esse campo de

estudos nasceu com a proposta de investigar a produção do conhecimento científico e suas relações com o contexto social no qual está inserido. Então, questiona Palácios (1994, p. 176) qual a finalidade de se formular um Programa Forte para a sociologia do conhecimento? Para responder a esta questão, segundo o autor, primeiramente, seria necessário investigar a trajetória da sociologia do conhecimento e os estudos sobre ciências.

O autor então inicia essa investigação afirmando que a sociologia do conhecimento, por um longo período, esteve direcionada a investigar as crenças do homem comum, suas ideologias e culturas; enquanto que, para os estudos relacionados ao conhecimento científico havia um campo singular. Em relação aos estudos sobre a ciência, as investigações estavam restritas ao contexto das descobertas científicas, contexto este que estava relacionado ao suporte proporcionado pelas instituições para o desenvolvimento da ciência. Em seguida, Palácios (1994, p. 177) afirma que a verdadeira história do conhecimento científico vai além das situações específicas relacionadas ao cotidiano dos cientistas, o caminho da ciência possui sua própria trajetória, obedecendo suas próprias lógicas que são ditadas pela “natureza especial do conhecimento científico” (PALÁCIOS, 1994, p. 177).

Dando continuidade à investigação, Palácios (1994, p. 177) direciona seus leitores para a década de 1970, pois, a partir desta década ocorreram significativas mudanças para a sociologia da ciência. Neste ano ela ganha novas abordagens e novos pesquisadores devido a sua consolidação como área de especialização. A sociologia da ciência também passou a ser institucionalizada, o que proporcionou a não limitação para sua investigação da atividade científica e ainda fomentou uma delimitação referente a teoria e metodologia em relação a outras disciplinas atuantes neste estudo. A partir desta década também ocorreu a ruptura dos limites impostos pela tradição funcionalista, o que possibilitou a aplicação das indagações e métodos dos sociólogos na investigação do conhecimento científico. Anteriormente, estava estabelecido que caberia à sociologia apenas investigações relacionadas ao contexto da descoberta, questões filosóficas, relacionadas ao conteúdo das descobertas, ficavam a cargo da tradição funcionalista.

Neste contexto, se desenvolve o Programa Forte da sociologia do conhecimento como “uma das tentativas de formalização desta ruptura com a tradição pretérita da sociologia da ciência e de recuperação dos clássicos da sociologia do conhecimento para a análise da ciência” (PALÁCIOS, 1994, p. 178). Outro importante marco desta ruptura foi a publicação, em 1976, de *Knowledge and Social Imagery*, livro de autoria de David Bloor que utilizou ideias de dois sociólogos que foram muito influentes para alguns dos integrantes da Escola de Edimburgo: Durkheim e Mannheim.

Conforme afirma Palácios (1994, p. 178) David Bloor utilizou a obra de Durkheim frequentemente como referência em seus trabalhos, tanto que sua visão referente ao papel da ciência na sociedade moderna baseia-se na visão durkheimiana entre sociedade e religião, ou seja, a ciência, assim como a religião, é formada por uma “representação coletiva do mundo em que vivemos” (PALÁCIOS, 1994, p. 178) e portanto, haveria uma tendência em protegê-la como algo dogmático. Essa percepção provocou resistência ao modo de investigação sociológica do conhecimento científico, uma vez que, segundo o autor, a visão durkheimiana vai além das contestações ao Programa Forte.

Tão relevante quanto a influência de Durkheim na concepção da obra *Knowledge and Social Imagery* foi a influência de Mannheim, porém, mais discreta; apesar de a análise sobre o pensamento conservador do sociólogo ser o que inspirou a tese central da obra que defende a relação entre imagens simplificadas da sociedade e teorias do conhecimento. Bloor (apud PALÁCIOS, 1994, p. 180) em suas investigações, elencou quatro princípios para o Programa Forte da sociologia do conhecimento: princípio da causalidade, da imparcialidade, da simetria e da reflexividade.

Iniciamos agora a segunda seção do ensaio que traz a análise entre o modelo causal e o modelo teleológico. De acordo com Palácios (1994, p. 181), a oposição entre esses dois modelos serve para demonstrar a orientação da Escola de Edimburgo. O modelo teleológico é oposto ao modelo causal, pois renuncia o contexto, ou seja, despreza os eventos sociais e políticos e atribui a eles os erros, que segundo o modelo, atrapalham a evolução da ciência. Palácios afirma que este modelo recebe certa receptividade devido a sua investigação do conhecimento científico e entre pesquisadores da cognição humana¹, constituindo um outro “programa forte” onde a maior parte dos especialistas são psicólogos, neurocientistas e linguistas. Em contrapartida, Tomas Kuhn publica seus primeiros estudos em que ressalta a importância de se manter a cronologia dos fatos, respeitando a ordem entre causa e efeito (BARNES apud PALÁCIOS, 1994, p. 181).

Mesmo cientes do crescente número de publicações sobre a história e a produção científica, críticos ao Programa Forte argumentam que descrever as circunstâncias de descobertas científicas não efetiva a demonstração das relações entre o conteúdo das teorias e o contexto social, ou seja, a investigação científica independente do contexto em que ela está inserida. Segundo Palácios (1994, p. 185) outro fator de críticas ao Programa Forte são as

¹ Peter Slezak elaborou um artigo com o objetivo de refutar o Programa Forte ao afirmar que a racionalidade humana possui papel principal na determinação das teorias, excluindo as condições sociais.

representações determinadas para os conceitos de “social” e de “interesse” por tratar-se, no primeiro caso, de caracterizações ambíguas e imprecisas. Em relação ao segundo caso, a ideia de interesse traz consigo muitas motivações indeterminando os limites entre o social e o psicológico. Para ilustrar, Palácios (1994, p. 185) cita o seguinte exemplo: “a menção, por exemplo, ao “interesse” no desenvolvimento técnico e no incremento da capacidade de previsão da ciência enfraqueceria, na visão desses críticos, qualquer postulação forte de causalidade social do conhecimento”.

Na terceira seção do ensaio, são analisadas as teorias dos jogos de linguagem tendo como base a pesquisa de Wittgenstein na visão Barnes e Bloor citados por Palácios (p. 190). Wittgenstein recorre ao termo “jogos de linguagem” para caracterizar as formas de linguagem e seu uso. Enquanto nos desenvolvemos como seres humanos, vamos acumulando repertórios de palavras que associamos a imagens, objetos ou situações e esta associação entre imagens e palavras passa por processos mentais. Vale ressaltar que as palavras podem estar vinculadas a mais de um jogo de linguagem e estes jogos, assim como a vida, se alteram constantemente.

Visando o aprofundamento da ação humana em relacionar palavras e coisas, o autor inicia a discussão sobre a formação de conceitos. Os conceitos são adquiridos, inicialmente, pela convivência em família, assim como os critérios de classificação. Este aprendizado exige uma ordem cognitiva prévia e treinamento, segundo Wittgenstein. O uso diário da linguagem faz com que o seu uso seja rotineiro, estabelecendo o fundamento da comunicação cotidiana, neste contexto, pode-se afirmar que o uso de um conceito inovador, depende da avaliação de uma comunidade para tornar-se rotineiro. “Rotinização e inovação são, por assim dizer, as duas fases do processo constante de mutação dos jogos de linguagem” (1994, p. 192).” Para o autor, esses argumentos amparam o desejo de formular uma teoria social do conhecimento dentro da visão do Programa Forte, porém, refuta o modelo teleológico sem esclarecer o modelo causal.

Na seção seguinte, Palácios nos remete a obra de Thomas Kuhn ao introduzir o conceito de anomalia. Palácios faz uma comparação interessante entre a aparição de uma anomalia e uma descoberta científica (1994, p. 194). Para o autor, ambos são parecidos, pois conceitos rotineiros e teorias são refutados ao mesmo tempo em que novos conceitos são criados e novas teorias são aplicadas em contextos não habituais. Reside nessa constatação a argumentação referente às estratégias de aplicação de conceitos e pelos interesses, que depende dos padrões rotineiros de uso, preferências e objetivos em determinado grupo em refutá-los ou acatá-los. Para Palácios (1994, p. 195), Bloor “elabora uma teoria social dos jogos de linguagem” ao aderir a influência de Wittgenstein sobre os interesses sociais e a conciliação com os jogos de linguagem e afirma que a investigação sociológica do conhecimento precisa determinar que

interesses são esses que influenciam a padronização de transformações e aceitações dos jogos de linguagem.

Este ensaio é indispensável para os que desejam investigar sobre o Programa Forte, pois Palácios traça um breve histórico de seu desenvolvimento, apresenta suas principais influências teóricas, o trabalho intelectual dos sociólogos da Escola de Edimburgo e ainda define conceitos fundamentais para o entendimento do programa.

Referências

FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz: uma instituição a serviço da vida. **Filosofia, História e Sociologia das Ciências**: abordagens contemporâneas. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/livro/filosofia-historia-e-sociologia-das-ciencias-abordagens-contemporaneas>. Acesso em: 22 mai. 2021.